



FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES

**A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO COM ANTI-INFLAMATÓRIO ENTRE
ACADÊMICOS DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR NO
CENTRO-OESTE BRASILEIRO**

Amanda Rodrigues Pinheiro Ferreira

Mayara Lorrany Ribeiro Bueno Reis

Vitória Fernandes Martins

Orientador: Me. Wesley José Moreira Garcia

TRINDADE – GO

2020

FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES

**A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO COM ANTI-INFLAMATÓRIO ENTRE
ACADÊMICOS DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR NO
CENTRO-OESTE BRASILEIRO**

Amanda Rodrigues Pinheiro Ferreira

Mayara Lorrany Ribeiro Bueno Reis

Vitória Fernandes Martins

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade União de
Goyazes como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Farmácia.

Orientador: Prof. Me. Wesley José Moreira Garcia

TRINDADE – GO

2020

Amanda Rodrigues Pinheiro Ferreira

Mayara Lorrany Ribeiro Bueno Reis

Vitória Fernandes Martins

**A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO COM ANTI-INFLAMATÓRIO ENTRE
ACADÊMICOS DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR NO
CENTRO-OESTE BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade União de
Goyazes como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Farmácia.

Orientador Prof. Me. Wesley José Moreira Garcia

Prof.^a Ma. Laís de Brito Rodrigues

Prof. Me. Raphael Caixeta Serpa

TRINDADE – GO

2020

A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO COM ANTI-INFLAMATÓRIO ENTRE ACADÊMICOS DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO

Amanda Rodrigues Pinheiro Ferreira¹, Mayara Lorrany Ribeiro Bueno Reis¹, Vitória Fernandes Martins¹, Wesley José Moreira Garcia²

RESUMO

A automedicação é a prática de utilizar medicamentos por conta própria ou por indicação de alguém, sem que haja a avaliação e prescrição por algum profissional de saúde. A automedicação pelo uso de anti-inflamatórios é bastante comum pelo fato desse tipo de medicamento dispensar a apresentação de receita médica. Este estudo teve por objetivo analisar a prática de automedicação com anti-inflamatórios entre acadêmicos dos cursos de Farmácia, Fisioterapia e Odontologia de uma instituição de Ensino Superior de Trindade, Goiás. A amostra calculada levou em consideração um total de 120 alunos matriculados, todavia, 33 responderam à pesquisa. A partir desse estudo pode-se concluir que a prática da automedicação entre os acadêmicos da área de saúde é intensa e cabe às instituições de ensino superior formarem profissionais qualificados para a devida orientação da população sobre o uso de medicamentos e ao farmacêutico, como profissional capacitado, orientar, aconselhar, fiscalizar as condutas e práticas que possam vir a ser prejudiciais à saúde do paciente.

Palavras chaves: Automedicação, Ensino Superior, Acadêmicos, Anti-inflamatórios

THE PRACTICE OF SELF-MEDICATION WITH ANTI-INFLAMMATORY AMONG ACADEMICS OF A HIGHER EDUCATION INSTITUTION IN BRAZILIAN MIDWEST

ABSTRACT

Self-medication is the practice of using medications on your own or by someone's recommendation, without the evaluation and prescription by any health professional. Self-medication using anti-inflammatory drugs is quite common because this type of medication does not require a prescription. This study aimed to analyze the practice of self-medication with anti-inflammatory drugs among academics from the Pharmacy, Physiotherapy and Dentistry courses of a Higher Education institution in Trindade, Goiás. The calculated sample considered a total of 120 students enrolled, however, 33 responded to the survey. From this study, it can be concluded that the practice of self-medication among academics in the health field is intense, and it is up to higher education institutions to train qualified professionals for the proper orientation of the population on the use of medicines and the pharmacist, as a trained professional, guide, advise, inspect the conducts and practices that may be harmful to the patient's health.

Keywords: Self-medication, Higher Education, Academics, Anti-inflammatories

¹ Acadêmicos do curso de Farmácia da Faculdade União de Goyazes, (FUG), Trindade (Goiás), Brasil.

² Professor, Mestre, Docente do curso de Farmácia da Faculdade União de Goyazes (FUG), Trindade (Goiás), Brasil.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVOS	9
2.1 OBJETIVO GERAL	9
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
3. REFERENCIAL TEÓRICO	9
3.1 ASPECTOS IMPORTANTES SOBRE A AUTOMEDICAÇÃO	9
3.2 OS NÚMEROS DA AUTOMEDICAÇÃO	11
3.3 OS RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO	12
4. MATERIAIS E MÉTODOS	13
4.1 TIPOS DE ESTUDO E LOCAL DO ESTUDO	13
4.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA	13
4.2.1 – Critérios de inclusão	14
4.2.2 – Critérios de exclusão	14
4.3 – INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTO	14
4.4 – ANÁLISES DE DADOS	15
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
APÊNDICE 1	34
APÊNDICE 2	37

1. INTRODUÇÃO

Automedicação pode ser compreendida como a prática de se utilizar medicamentos seja por conta própria ou por indicação de outrem com a finalidade de tratar doenças cujos sintomas são observados pelo usuário sem que haja uma avaliação de um profissional da saúde (BARROS; GRIEP, 2009). Os efeitos adversos decorrentes da automedicação incluem alergias, gastrites, úlceras, acidentes vasculares cerebrais, ou piora no quadro clínico e/ou retardo do combate a doenças que já se encontram instaladas. Marim (2005) demonstrou que mesmo entre os profissionais da saúde a medicação é comum, além de ser encontrada também em pessoas de classes sociais mais elevadas e que não teriam dificuldades em se consultar.

O medicamento tem um papel fundamental na manutenção da saúde servindo como ferramenta terapêutica que auxilia o médico e contribui para a melhoria da qualidade de vida da população. Contudo, quando utilizados de maneira inadequada podem surgir problemas de diversas ordens para o próprio organismo do usuário bem como gastos para o sistema de saúde (ARRAIS, 2005).

Os efeitos causados pelo uso indiscriminado de medicamentos são tidos como uma importante questão de saúde pública, uma vez que se relacionam não somente com aumento do número de óbitos por esse motivo, mas também pelos gastos desnecessários ao sistema público de saúde, causado por esses efeitos que são mascarados ou minimizados pelos reais sintomas da doença (SOUSA, et. al., 2018).

A prática de automedicação é muito recorrente no Brasil e em outros países nos quais os sistemas de saúde são pouco estruturados. Nestes o hábito de ir à farmácia é a primeira opção para se resolver um problema de saúde, ocasionando o consumo de medicamentos sem receita médica. Em países mais desenvolvidos e com forte cultura capitalista, é comum encontrar medicamentos disponíveis em supermercados, como analgésicos e antitérmicos. Diante disso, tem-se debatido que nível de automedicação seria desejável, a fim de se contribuir para a redução do uso desnecessário dos serviços de saúde, tendo em vista que grande parte dos brasileiros não têm convênios médicos caso necessitem (AQUINO, 2008).

Automedicar-se pode ser uma prática bastante perigosa e quando praticada por grupos humanos vulneráveis, os efeitos podem ser ainda mais graves, trazendo

enormes riscos à saúde, levando até mesmo a sequelas nos usuários. Essa prática vai desde uma atitude aparentemente simples como uso de medicamentos para dor de cabeça, cólicas menstruais até a falta de bom senso em utilizar ou indicar para outros tratamentos sem a devida prescrição médica (ARRAIS, 2005).

O uso indiscriminado de medicamento não se restringe apenas à automedicação: faz parte de um processo mais abrangente relacionado ao meio de se encontrar a cura para uma doença e promover o bem-estar através do uso de um medicamento. Geralmente a automedicação não é realizada sem motivos e acontece porque o indivíduo busca cessar sintomas que estão lhe afligindo ou causando dor e desconforto (MOTA, et. al., 2019).

Os anti-inflamatórios, juntamente com os analgésicos e antitérmicos, fazem parte das classes de medicamentos que mais causam intoxicação pelo fato de serem os mais consumidos e vendidos sem prescrição médica. São utilizados para tratar sintomas e dores mais comuns, como no corpo, cabeça e garganta. Anti-inflamatórios se dividem em dois grupos: os esteroides e os não-esteroides (SOUSA, et. al., 2018).

Os esteroides são conhecidos como corticosteroides. Sua função é inibir a enzima fosfolipase A2, a qual é resultante da redução de prostaglandinas e proteínas associadas ao processo inflamatório. Os não-esteroides (AINE) apresentam propriedades analgésica, antitérmica, anti-inflamatória e antitrombótica. Esse grupo inibe a síntese de prostaglandinas que são substâncias endógenas cuja função é fazer a intermediação do processo inflamatório quando as isoenzimas se tornam inativas. Tais substâncias são denominadas de cicloxigenases constitutiva (COX-1) e induzível (COX-2) (MARIM, et. al., 2005).

Os anti-inflamatórios não esteroide inibem COX-1, e podem causar efeitos indesejáveis como gastropatia e a nefropatia. Inibidores seletivos da COX-2, de um modo geral apresentam vantagens sobre os AINE não seletivos, pois, suas capacidades anti-inflamatórias permanecem sem a presença de efeitos adversos (MARIM, et. al., 2005). Desse modo, o caminho a ser percorrido em direção à redução da automedicação é longo e complexo. Tal processo passa por um olhar pela vulnerabilidade no sentido de reduzi-la a partir da conscientização dessas pessoas sobre a problemática de se automedicar (FONSECA & FRADE, 2005).

É necessário também mais rigor na fiscalização e controle das propagandas envolvendo remédios nos meios de comunicação. Monitoramento realizado pela

ANVISA, revela que mais de 90% das propagandas veiculadas com medicamentos possuem informações incompletas, o que faz com que os consumidores fiquem desinformados (NASCIMENTO, 2010).

Tal realidade supõe a redescoberta do papel dos farmacêuticos na contemporaneidade do momento da dispensação de um medicamento como agentes promotores da saúde, uma vez que estes profissionais são qualificados para desempenhar o papel de orientadores dos pacientes que vão as drogarias e farmácias em busca de medicamentos (BECKHAUSER, et. al. 2010). O uso indevido de medicamentos pela população é muito recorrente no Brasil e pode causar vários problemas à saúde de quem utiliza medicamentos sem a devida orientação de um profissional da área da saúde (FONSECA & FRADE, 2005).

Diante disso, o estudo se justifica pelo interesse em conhecer a frequência do uso de anti-inflamatório entre acadêmicos dos cursos de saúde de uma instituição de ensino superior do Centro-Oeste.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a prática de automedicação com anti-inflamatórios entre acadêmicos dos cursos de Farmácia, Fisioterapia e Odontologia de uma instituição de Ensino Superior localizada na cidade de Trindade, Goiás, no centro oeste brasileiro.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar os anti-inflamatórios mais consumidos sem prescrição médica pela população pesquisada;
- Descrever automedicação por anti-inflamatórios;
- Caracterizar motivação e situações do uso incorreto de anti-inflamatórios.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 ASPECTOS IMPORTANTES SOBRE A AUTOMEDICAÇÃO

A automedicação tem crescido cada vez mais, tornou-se praticamente um hábito da sociedade utilizar medicamentos sem a orientação ou supervisão de um profissional capacitado (GAMA e SECOLI, 2017). Segundo Pereira e colaboradores (2008) utilizar medicamentos é a forma mais conhecida de tratamento em nossa sociedade, em contrapartida é significativa a existência de problemas de saúde relacionado ao uso de fármacos sem a orientação de um profissional de saúde. O fácil acesso a medicamentos, aliado a falta de informação, o marketing das indústrias farmacêuticas, falhas estruturais do sistema de saúde atual (falta de profissionais suficientes, hospitais lotados, falta de medicamentos e aparelhos) tem contribuído para a automedicação apresentar índices alarmantes no país (PEREIRA et al, 2008).

Os medicamentos provocam um certo fascínio nas pessoas, especialmente no Brasil. A intervenção do Estado na criação de políticas de regulamentação do uso dos medicamentos, pode ser considerada bastante recente. O marketing excessivo das indústrias farmacêuticas aliado a este fascínio das pessoas pode ser considerado fatores que favorecem a prática do uso desenfreado dos mesmos (PINTO et al, 2015).

Conforme definição da ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) a automedicação é descrita como o uso de medicamento sem a prescrição, orientação e ou o acompanhamento do médico ou dentista (Port. n. ° 3916/98 - Política Nacional de Medicamentos), ou seja, a automedicação expressa a iniciativa do indivíduo de selecionar e utilizar por vontade própria alguma medicação que ele considere adequada para resolver seu problema (AL HUSSAINI e MUSTAFA, 2014).

A automedicação se tornou um hábito corriqueiro na vida dos brasileiros, seja realizando a prática por conta própria ou indicação de familiares ou amigos. Muitos fatores levam a essa realidade no Brasil, como por exemplo, a deficiência na saúde pública, facilidade de acesso a medicamentos que não necessitam de prescrição, e a enchente de propagandas da indústria farmacêutica que estão sempre incentivando as pessoas a consumirem. Fatores econômicos, políticos e culturais, como o alto custo de alguns medicamentos, ou o costume de utilizar um remédio indicado por alguém próximo, contribuem também para o aumento da automedicação (LUKOVIC et al, 2014).

De acordo com dados disponibilizados pela Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), os medicamentos são responsáveis por cerca de 30% das intoxicações que

ocorrem na população brasileira, sendo os benzodiazepínicos, os medicamentos utilizados para o tratamento dos sintomas da gripe, os antidepressivos e os anti-inflamatórios as classes de medicamentos que mais intoxicam (SOUZA; SILVA; NETO, 2008). Silva (2014) ainda destaca que:

O consumo de medicamentos indicados principalmente pela família e amigos é cultural no Brasil. Apesar de boa parcela da população já ter ciência dos riscos da automedicação, somente 23,6% dos brasileiros declaram consumir esses produtos estritamente prescritos pelos médicos, farmacêuticos, odontólogos e enfermeiros.

Os principais sintomas e doenças que levam a prática da automedicação são: a constipação, gripe, tosse, dor de garganta, rinite alérgica, feridas na cavidade oral, indigestão, obstipação, vômitos, diarreias, hemorragias, queimadura solar, verrugas, dores moderadas (cabeça ou muscular) e alguns problemas de pele como as acnes e micoses (MENDES et al, 2004, apud GARCEZ et al, 2012).

O acúmulo de medicamentos em casa é considerado um fator de risco que, além de favorecer a prática da automedicação, facilita o equívoco entre medicamentos e o risco de intoxicação por ingestão acidental. O fracionamento dos medicamentos seria uma medida interessante e viável para diminuir essa prática (GOMES, 2012).

Segundo Bortolon e colaboradores (2007) a automedicação no país, não ocorre apenas com os medicamentos de venda livre, que não necessitam de prescrição médica, mas também ocorre de forma intensa entre os fármacos de tarja vermelha e preta, que pela lei deveriam ser comercializados apenas mediante apresentação de receituário médico. Tais medicamentos deveriam passar pelo processo de rastreamento eletrônico, através dos sistemas informatizados, todavia, ainda existem falhas nesses procedimentos.

Para Arrais e colaboradores (2005) os medicamentos que aliviam sintomas de dor são os mais procurados, sendo a classe dos analgésicos a que lidera a lista com cerca de 33% seguida pelos relaxantes musculares (13,8%) e os anti-inflamatórios (11,7%).

3.2 OS NÚMEROS DA AUTOMEDICAÇÃO

Apesar dos números significativos de automedicação e que crescem cada vez mais, o Brasil ainda é muito deficiente com relação à documentação desses dados. Segundo bases do Sinitox (2000, apud Pereira et al, 2008):

No Brasil a carência de trabalhos de investigação sobre a morbidade e mortalidade associada ao uso de medicamentos, bem como, a ainda recente implantação do Sistema Nacional de Farmacovigilância, compromete um diagnóstico preciso da situação no país. Apesar disso, dados alarmantes publicados pelo Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX), demonstram que os medicamentos ocupam a primeira posição entre os três principais agentes causadores de intoxicações em seres humanos desde 1996, sendo que em 1999 foram responsáveis por 28,3 % dos casos registrados.

Dados do Conselho Federal de Farmácia (2019) apontam que 77% da população tem o hábito de se automedicar, sendo constatado também que 47% da população se automedica pelo menos uma vez por mês e 25% uma vez por semana. Esse estudo revelou também que a automedicação é mais realizada por mulheres do que por homens e que tanto mulheres quanto homens têm como principais influenciadores amigos e familiares.

No Brasil entre os anos de 2006 e 2013 foram registrados 103.887 eventos adversos, sendo 38.730 associados a medicamentos (VARALLO, 2018). Estudo realizado num hospital público do Estado de Goiás mostrou que os custos totais decorrentes devido a EAM foram de R\$ 96.877,90. Destes, R\$ 26.463,90 foram custos diretos, R\$ 20.430,36 obtidos por iniciativas do hospital e R\$ 6.033,54 pelo SUS. Especificamente R\$ 14.380,13 estão relacionados a EAM que não puderam ser evitados e R\$ 12.083,77 por EAM evitáveis. Já os custos sociais indiretos foram de R\$ 70.414,00, em razão dos óbitos decorrentes das falhas de medicação (NASCIMENTO, 2018).

Estudo realizado por Sousa e Arrais (2018) identificou uma prevalência de 8% dos EAM naquela população estudada, sendo que a maior incidência se deu entre as mulheres exibindo um percentual de 9,7% na faixa etária entre 50 e 64 anos. Nesse estudo é apontado ainda que, entre os participantes totais, 12% possuíam doenças crônicas.

Dos estudos sobre EAM realizados em 13 países envolvendo América do Norte, Europa, América do Sul e Ásia, dez deles (34,5%) foram realizados nos Estados Unidos e dois (6,9%) no Brasil. Em países da Europa os EAM representam, nos pacientes internados, uma variação entre 1,6% e 41,4%. Os EAM que surgem em hospitais podem estender o tempo de internação e em alguns casos levar ao

óbito. Nessas unidades de saúde a frequência de efeitos adversos de medicamento pode chegar a 19% sendo que dois terços deles podem ser evitados (CANO & ROSENFELD, 2009).

3.3 OS RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO

A prática de se automedicar pode prejudicar tanto a saúde individual quanto a de pessoas próximas, uma vez que os indivíduos têm o costume de orientar outras pessoas sobre consumo de determinados medicamentos. Entre 1999 e 2009 ocorreram mais de 307.650 casos de intoxicação medicamentosa, índices que superam reações tóxicas provenientes de agrotóxicos, venenos de rato, picadas de animais peçonhentos, produtos de limpeza e cosméticos.

O uso de diversos medicamentos considerados simples para os pacientes, como por exemplo medicamentos de venda livre, pode trazer várias consequências, dentre elas, as mais comuns, reações de hipersensibilidade, resistência bacteriana, estímulo para a produção de anticorpos sem a devida necessidade, dependência do medicamento sem a precisão real, hemorragias digestivas, entre outras (PEREIRA, 2008).

A automedicação também pode ajudar a mascarar doenças graves, levando a um atraso no diagnóstico por tratar temporariamente os sintomas dando a falsa sensação de cura da doença. Algumas classes de medicamentos costumam aparecer com mais frequência nas listas que tratam a respeito dos principais Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP's). Mesmo os MIP's sendo de mais fácil acesso para as pessoas por não ser exigido a apresentação de receita no ato da compra, os medicamentos que exigem receita também são alvo da automedicação devido à grande carência de fiscalização nos estabelecimentos de saúde do país (ARRAIS et al, 2005).

4. MATERIAIS E MÉTODOS

4.1 TIPOS DE ESTUDO E LOCAL DO ESTUDO

Este estudo foi realizado por meio de uma pesquisa descritiva do tipo corte transversal, com a apuração de dados quantitativos. O caráter exploratório se dá

pela necessidade de trabalhar motivos, atitudes, sentimentos, crenças, valores e intenções sobre a temática pesquisada. A pesquisa foi realizada em uma instituição de ensino superior localizada no município de Trindade - GO.

4.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

De acordo com a população geral dos estudantes da instituição, cerca de 173 alunos cursam atualmente o 7° e 8° períodos dos cursos de Farmácia, Fisioterapia do matutino e Odontologia do vespertino no segundo semestre de 2020. O valor da amostra foi determinado para uma população finita de 173 alunos.

Utilizou-se 2 desvios-padrão, equivalente a 95% de nível de confiança. Para porcentagem, por não ser possível estabelecê-la previamente, foi adotado o valor de 50% e admitiu-se um erro máximo tolerável de 5% (GOMES & DONADON, 2010). De acordo com o total da população, foi estipulado que 120 alunos deveriam ser entrevistados.

Após o envio do formulário aos participantes, 33 acadêmicos dos cursos de Farmácia, Fisioterapia e Odontologia, dos 7° e 8° períodos matutino, vespertino e noturno devidamente matriculados responderam à pesquisa.

A participação dos estudantes da instituição de ensino superior se deu mediante a concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) disponibilizado pela plataforma Google Docs (Apêndice 2).

4.2.1 – Critérios de inclusão

Participaram da pesquisa alunos que estão cursando Farmácia, Fisioterapia e Odontologia, do 7° e 8° períodos matutino, vespertino e noturno que concordaram em responder o questionário, após assinatura do TCLE.

4.2.2 – Critérios de exclusão

Foram excluídos alunos que não cursaram a disciplina de farmacologia ou que tenham sido reprovados na mesma, estudantes menores de 18 anos ou que manifestaram a vontade de não participar após a assinatura do TCLE.

4.3 – INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTO

Diante da atual pandemia em curso de COVID-19 a qual exige cuidados especiais, entre eles o isolamento social, os participantes foram contatados pelos e-mails institucionais que foram fornecidos pela secretaria da instituição de ensino superior logo após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Apêndice 2).

Foram enviados os “links” contendo o TCLE e o questionário (formulário) hospedados na plataforma Google Docs. Os participantes responderam de forma individual e anônima, garantindo, assim a privacidade na coleta das informações. O TCLE foi fornecido em duas vias: uma que foi assinada eletronicamente pelo estudante e automaticamente devolvida para os pesquisadores após a participação na pesquisa e a outra que foi enviada ao e-mail do participante com uma cópia do questionário respondido.

Um questionário semiestruturado (Apêndice 1), adaptado do estudo de GOMES & DONADON (2010) foi o instrumento utilizado para a coleta dos dados. Foram eliminados 3 questionários respondidos de forma incompleta e os participantes que estavam fora dos padrões estabelecidos pelo critério de inclusão.

Os participantes seriam escolhidos de forma aleatória até a contemplação do número de questionários. Para se obter o número de questionários que seriam distribuídos para cada curso foi realizado um cálculo levando em consideração a soma total de alunos contidos nos cursos pesquisados.

A porcentagem de alunos correspondente a cada curso definiu a porcentagem de questionários que seriam distribuídos entre os cursos. Logo, foram distribuídos da seguinte forma: Farmácia 8º período, matutino (14); Farmácia 8º período, noturno (1); Fisioterapia 8º período, matutino (13); Fisioterapia 8º período, noturno (5); Odontologia 7º período, vespertino (40); Odontologia 8º período, vespertino (47), totalizando 120 estudantes.

Os questionamentos trataram de questões relacionadas ao uso de anti-inflamatório nos últimos 12 meses que antecederam a coleta de dados. Sendo considerados como automedicação todos os medicamentos auto indicados, indicados por parentes, amigos, balconistas ou outras pessoas não formalmente habilitadas para prescrição.

4.4 – ANÁLISES DE DADOS

As informações foram transferidas para planilhas do programa Excel, e a partir disso foi realizada a construção dos gráficos e tabelas que permitissem uma visualização melhor dos dados obtidos, seguida de uma comparação com estudos e artigos já publicados que tratavam de temática semelhante.

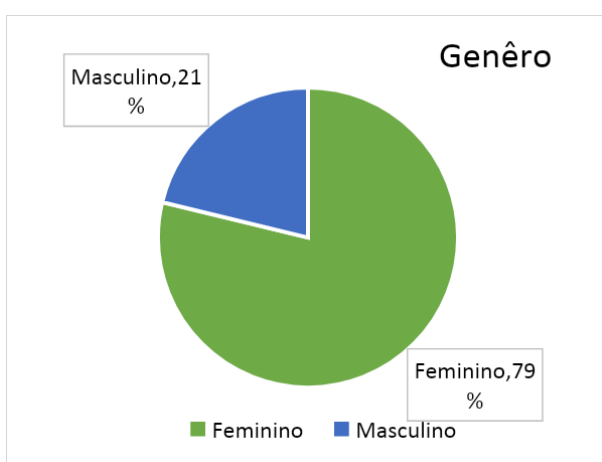
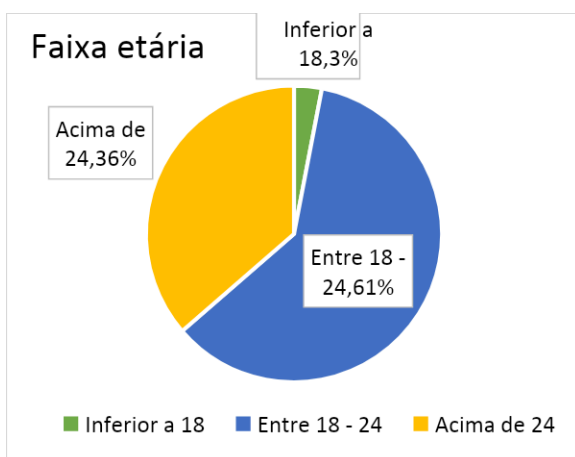
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa realizada com os acadêmicos dos cursos de Farmácia, Fisioterapia e Odontologia, do 7º e 8º período de uma instituição de Ensino Superior localizada na cidade de Trindade, Goiás, no centro oeste brasileiro, teve sua realização entre os meses de setembro a novembro do ano de 2020. Ao estipular a amostra foi levantando um número de 120 alunos devidamente matriculados nos cursos supracitados, todavia após o envio do formulário através de e-mail, um total de 33 alunos participaram da pesquisa, após leitura e concordância com o TCLE.

A primeira pergunta solicitava informações acerca da faixa etária dos participantes, sendo que a maioria (60,4%) declarou possuir entre 18 e 24 anos de idade. No que diz respeito ao sexo, a maioria dos participantes foram do sexo feminino com 26 pessoas, ou seja, 78,8% do total.

Figura 1 – Idade dos participantes

Figura 2 – Gênero dos participantes



Fonte: elaborado pelos autores (2020)

Fonte: elaborado pelos autores (2020)

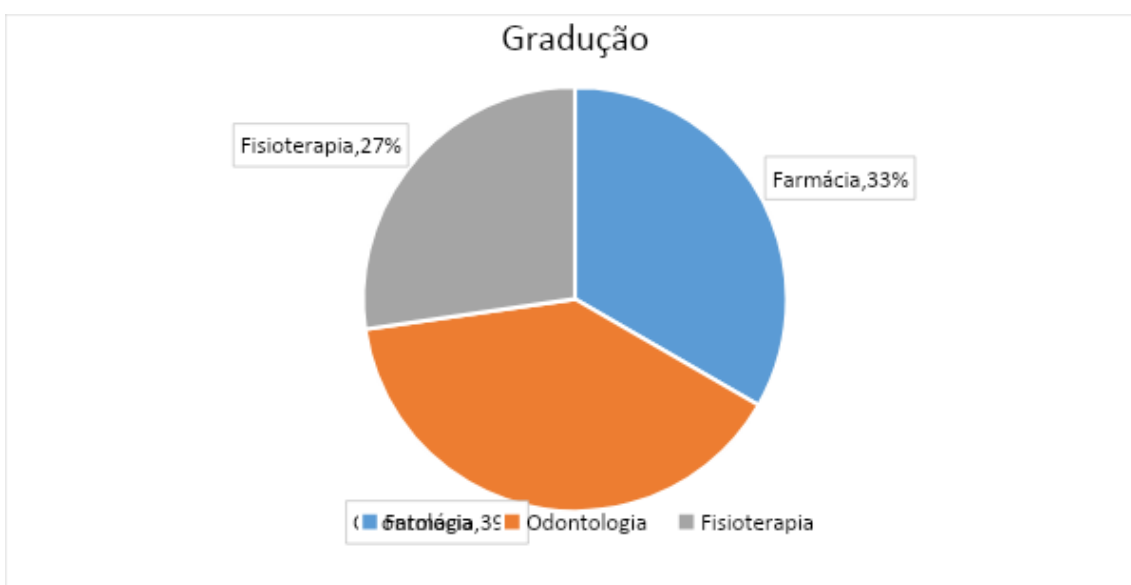
Os dados referentes ao perfil dos entrevistados se assemelharam com a pesquisa realizada por Souza e colaboradores (2011), no qual se verificou que o perfil dos usuários de uma instituição de ensino superior que praticavam a automedicação, era formado em sua maioria por mulheres, e a faixa etária de 18 a 29 anos. De acordo com esse estudo a prevalência de estudantes que praticavam a automedicação em casos de dor foi de 38,8%.

De acordo com um estudo realizado por Vilarino e colaboradores em 1998, o perfil do usuário da automedicação no Brasil, em sua maioria é formado por usuários do sexo feminino, que possuem renda de até 3 salários-mínimos, faixa etária de 28 anos, alto grau de instrução e acúmulo de conhecimento.

Nesta pesquisa não foram levantadas informações acerca da renda familiar ou classe socioeconômica dos participantes.

Após coletar informações sobre o perfil dos entrevistados, a pesquisa partiu para questionamentos referentes ao conhecimento prévio dos acadêmicos. A Figura 3 apresenta os dados referentes a qual graduação os alunos estariam cursando dentre as selecionadas pela pesquisa: Fisioterapia, Farmácia e Odontologia. O número maior de participantes do curso de Odontologia é explicado pelo fato de que na amostra total, existe uma quantidade maior de alunos devidamente matriculados neste curso, proporcionalmente seguido de Farmácia e Fisioterapia.

Figura 3 – Dados referente a graduação



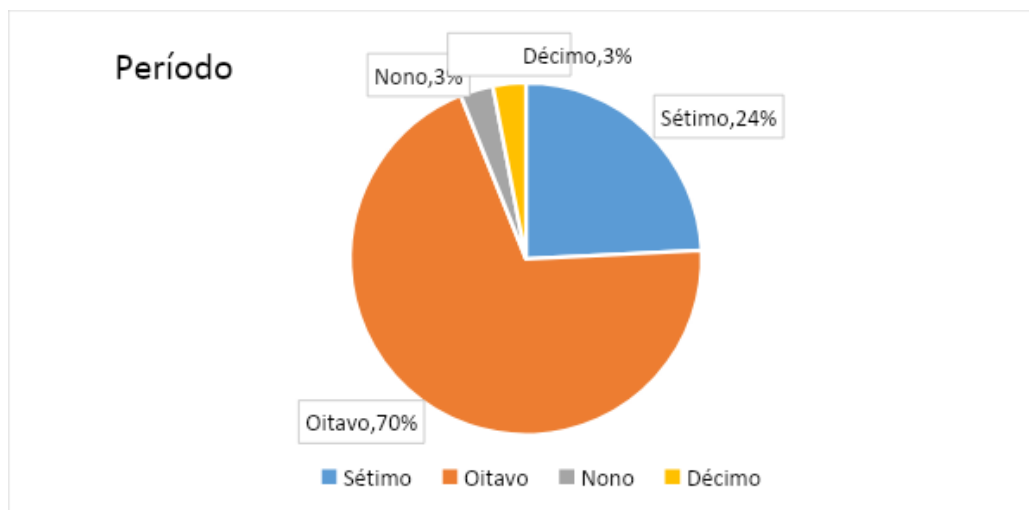
Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

Em um estudo realizado em Recife no ano de 2005, com 223 estudantes de uma mesma instituição acadêmica entre os cursos de educação física, farmácia, enfermagem, fisioterapia, fonoaudiologia, medicina, nutrição, odontologia e terapia ocupacional, identificou-se que o maior número de participantes que praticam a automedicação era do curso de medicina, cerca de 32% (AQUINO; BARROS; SILVA, 2010). No estudo supracitado havia mais alunos entrevistados, uma vez que houve a participação de 9 cursos diferentes, enquanto nesta pesquisa participaram 3 cursos distintos.

No estudo atual, os alunos foram questionados a respeito do período em que estão cursando. Essa pergunta teve como objetivo relacionar alunos a partir do 7º período, uma vez que esses alunos por já terem concluído mais da metade do curso possuem um conhecimento mais avançado sobre a temática discutida. Através da

Figura 4 podemos perceber que a grande maioria dos alunos que responderam ao questionário estão matriculados no oitavo período, sendo 70% das respostas válidas.

Figura 4 – Dados referente ao período em que os alunos estão cursando



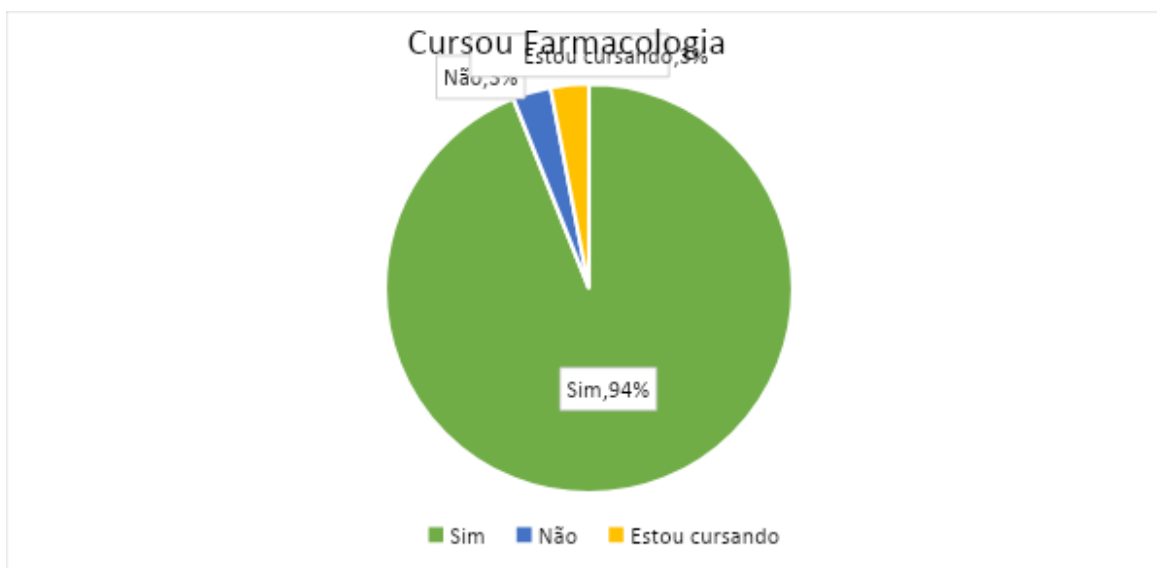
Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

Em uma pesquisa realizada no ano de 2008 entre acadêmicos de enfermagem do 1º e 8º períodos com 62 alunos, de uma universidade de Campus Bom Despacho (MG), foi identificado que as turmas realizavam a automedicação, principalmente entre os acadêmicos do 8º Período de Enfermagem que, acreditavam possuir conhecimento satisfatório para se automedicarem, afirmando ainda terem consciência dos danos que a automedicação pode causar à saúde (PINTO et al., 2008). No atual estudo observou-se um maior número de participantes cursando o 8º período.

Para auxiliar na compreensão do uso dos anti-inflamatórios pelos acadêmicos, eles foram questionados se já cursaram a disciplina de Farmacologia, na qual eles aprendem mais sobre os medicamentos, efeitos colaterais, processos de interação das substâncias químicas no organismo além da automedicação.

Na Figura 5 a maioria dos alunos, 94%, declarou que já cursaram a disciplina de Farmacologia, que geralmente é ofertada no 5º e 6º período, ou seja, no meio do curso, quando os alunos já possuem uma maior maturidade acerca dos medicamentos e procedimentos corretos para consumo e dispensação.

Figura 5 – Dados sobre os alunos que já cursaram Farmacologia

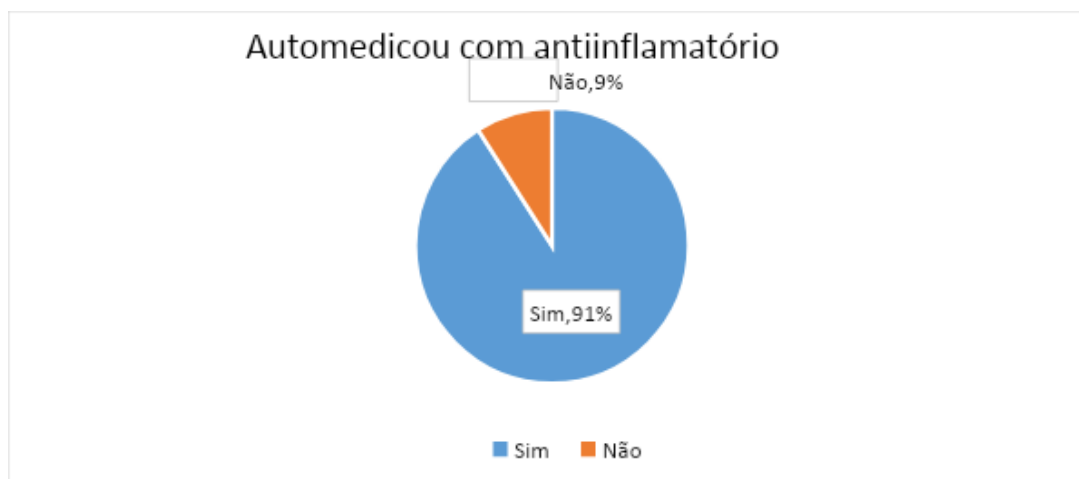


Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

De acordo com Barros (2009) a farmacologia tem sua origem no Grego, *pharmakos*, que significa droga, e *logos* que significa estudo, desta forma é a ciência que estuda como os medicamentos ou substâncias interagem com o organismo, e sua capacidade de promover alterações funcionais e estruturais. Nos dias atuais a farmacologia é considerada por diversos pesquisadores como uma das principais ferramentas para os profissionais de saúde, assim como para aqueles que têm o contato direto ou indireto com os medicamentos. Ao estudar os efeitos e mecanismos de ação das drogas, é possível compreender não somente como os fármacos atuam, mas também conhecer a fisiologia normal do organismo. Esse conhecimento permite empregar os medicamentos de forma mais objetiva, melhorando o tratamento.

Considerando que o foco desta pesquisa está na automedicação por meio de anti-inflamatório, na Figura 6 os acadêmicos foram questionados se já fizeram uso deste tipo de medicação, sendo que 30 alunos (91%) afirmaram que sim.

Figura 6 – Uso de anti-inflamatórios



Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

No estudo de Pinto e colaboradores (2008) mencionado anteriormente o grupo de medicamentos mais utilizados na automedicação foram os antibióticos (48,8%), seguido de anti-inflamatórios (mais utilizados entre os acadêmicos do 1º período), ansiolíticos e antidepressivos (mais utilizados entre os acadêmicos do 8º período).

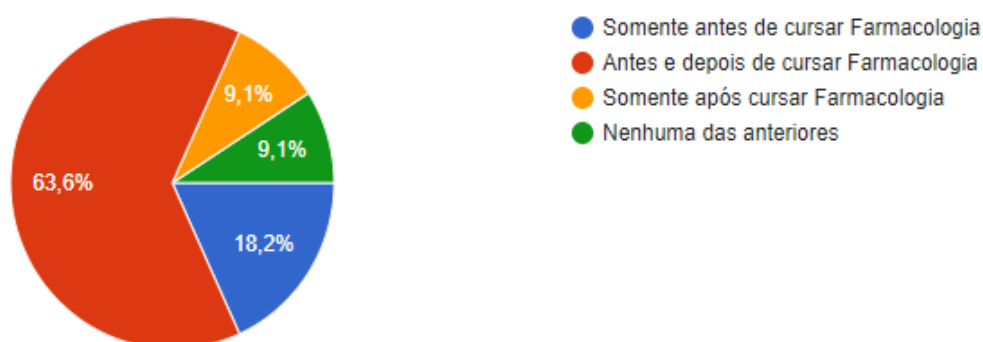
Em concordância com outros estudos já realizados, os analgésicos e anti-inflamatórios foram as classes medicamentosas mais utilizadas (VALENTE; GRAZIELA, 2009).

Em uma universidade particular do sul do Estado de Minas Gerais, foi realizado um estudo entre os acadêmicos de cursos da área da saúde para verificar a prática automedicação por inflamatórios. No total foram entrevistados 697 acadêmicos dos cursos de medicina, odontologia, farmácia e enfermagem. Após análise dos resultados descobriu-se que os acadêmicos de medicina realizavam a prática da automedicação com maior frequência (94,55%), seguidos dos do curso de odontologia (93,18%) (SILVA et al., 2011). No caso específico da pesquisa realizada, não existe o curso de medicina na grade da faculdade, sendo então o curso de odontologia o que mais pratica automedicação, conforme a Figura 3.

Os alunos do presente estudo foram questionados a respeito do momento em que realizaram a automedicação relacionando ao fato de terem cursado ou não Farmacologia, avaliando assim o processo de decisão para a automedicação. Neste tópico é importante observar que a maioria dos entrevistados responderam que realizaram a automedicação antes e depois de cursar a disciplina, ou seja, mesmo com um conhecimento mais avançado, informações em mãos acerca dos riscos e

efeitos colaterais, os alunos se sentiram seguros e confiantes o bastante para realizarem a automedicação como pode ser observado na Figura 7.

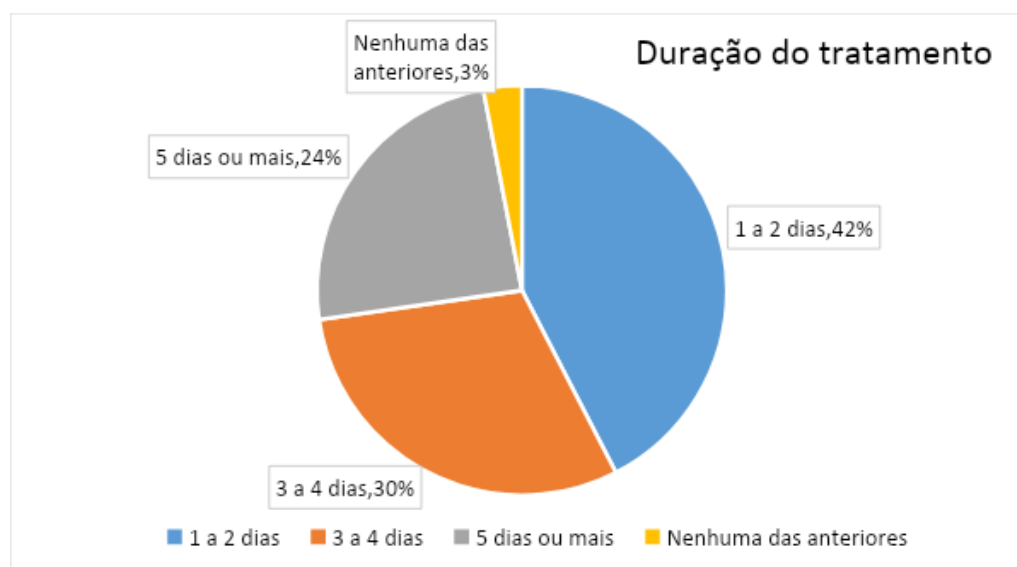
Figura 7 – Dados sobre o momento em que realizaram a automedicação



Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

No que diz respeito ao tempo em que utilizaram os anti-inflamatórios (duração do tratamento) é importante observar que a automedicação ocorre geralmente em um prazo inferior a 5 dias. Cerca de 43% dos alunos declaram que o tratamento durou de 1 a 2 dias e 30% declarou que o tratamento durou de 3 a 4 dias, assim como visualizado na Figura 8.

Figura 8 – Dados sobre o tempo em que os medicamentos foram utilizados



Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

Os dados obtidos são semelhantes ao estudo realizado por Colares e colaboradores (2019), no qual observou-se, que 41 pessoas (29,29%) responderam terem usado somente em um dia, 25 (17,86%), em dois dias, 41 (29,29%), em três a cinco dias e 33 (23,57%), por mais de cinco dias. Esse curto espaço de tempo em que o medicamento foi utilizado, aliado a falta de orientação de um profissional de saúde, podem estar relacionados a resistência que o organismo adquire a certos medicamentos, tendo em vista que o tratamento não foi realizado pelo prazo necessário para combater efetivamente a doença, além do fato de que as vezes pode não ser o medicamento correto a ser utilizado.

Quando questionados se possuíam conhecimento sobre os efeitos colaterais que poderiam ser causados pelos medicamentos consumidos, 30 alunos, correspondente a 90,9%, responderam que sim, e apenas 3 (9,1%) responderam que desconheciam os efeitos colaterais. Com relação a terem tido efeitos colaterais do uso desses anti-inflamatórios 93,9% declaram tiveram.

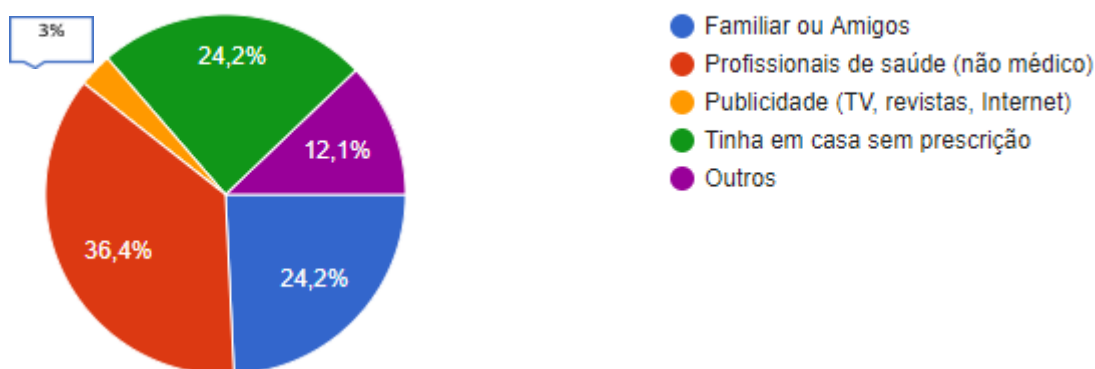
No estudo de Colares e colaboradores em 2019 em uma instituição de ensino superior de Goiás verificou-se, em relação ao conhecimento sobre os possíveis riscos da automedicação, que 133 estudantes (93,01%) afirmaram conhecê-los, enquanto somente dez (6,99%) declararam não ter conhecimento sobre o assunto. Tais números são mais expressivos quando comparados à pesquisa realizada no município de Trindade-GO, porque 140 alunos se dispuseram a responder o questionário.

Ao serem questionados se já procuraram conselho/orientação do farmacêutico ou balconista para adquirir medicação, 27 alunos (81,8%) responderam que sim e 6 alunos (18,2%) manifestaram que não. Já no questionário aplicado por Pinto e colaboradores (2008) sobre já terem solicitado orientações ao farmacêutico ou balconista para a compra de medicamentos sem receita, 68% dos acadêmicos responderam ter feito essa prática, 17% que não realizaram essa consulta ao farmacêutico ou balconista e 15% afirmaram já ter recebido, na farmácia, orientações mesmo sem terem solicitado, visto que o farmacêutico é o profissional mais capacitado para desenvolver tal prática: orientar de forma correta preocupando-se com o bem estar do paciente.

A automedicação tem sua origem influenciada por diversos fatores, alguns julgam possuir conhecimento suficiente, outros são influenciados por amigos, familiares, propagandas nos meios de comunicação, entre outros. Quando

perguntados por quem foram influenciados a se automedicar os dados ficaram relativamente balanceados. No Figura 9 podemos verificar que o primeiro motivo apontado foi a indicação de profissionais da área da saúde (não médicos, farmacêuticos e odontólogos), seguido da indicação de amigos ou familiares empatado com opção de já possuírem a medicação em casa sem prescrição.

Figura 9 – Dados sobre a influência para a automedicação



Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

Assim como no estudo de Silva e colaboradores (2011) fatores como aconselhamento farmacêutico/balconista, conselho de terceiros, conhecimentos adquiridos na faculdade e instruções da bula também influenciaram na decisão dos estudantes se automedicarem.

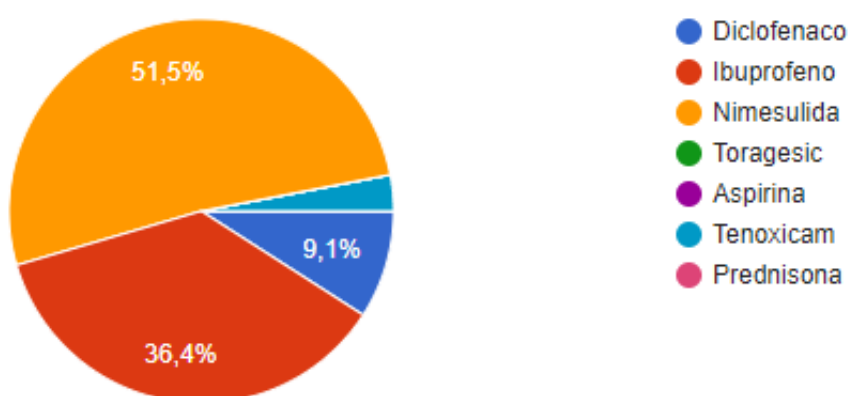
No estudo realizado por Ribeiro e colaboradores (2010) em relação às fontes de indicação dos fármacos automedicados, observou-se que 44,5% do total de estudantes afirmaram que buscam a orientação dos pais para adquirir o medicamento, 21,5% disseram que adquirem medicamento por conta própria e 13,9% disseram que seguem a orientação de farmacêuticos. O restante segue orientações que variam desde parentes a balconistas.

Ao comparar os estudos mencionados acima com a pesquisa realizada, podemos perceber que a indicação de familiares ou amigos é predominante entre a maioria das pessoas. Os familiares e amigos formam a rede de confiança das pessoas e são capazes de formar diversos hábitos, inclusive influenciá-los e usar uma medicação indicada.

Ao serem questionados sobre se já se basearam em receitas antigas para promover a automedicação, 48,5% responderam que sim, e entre as pessoas que responderam afirmativamente, 60,6% responderam que essas receitas eram suas e 39,4% que as receitas eram de outras pessoas. Com relação a obrigatoriedade da apresentação de receituário médico para adquirir estes medicamentos, 75,8% relataram que não havia essa obrigação.

A Nimesulida foi apontada por mais da metade dos entrevistados como o medicamento com o qual já se automedicaram, seguido de Ibuprofeno e posteriormente de outros que foram menos citados como observado na Figura 10. A Nimesulida é geralmente utilizada para combater dores e febres, até mesmo dores de garganta.

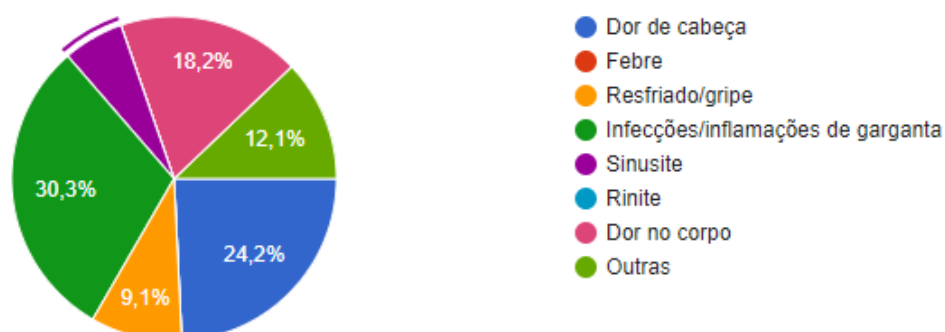
Figura 10 – Medicamentos utilizados para automedicação



Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

A Figura 11 aponta que entre os motivos ou sintomas que mais influenciam as pessoas a se automedicarem são as dores/inflamações de garganta, seguido pela dor de cabeça e dores no corpo.

Figura 11 – Doenças/sintomas que mais levam a automedicação



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Assim como no estudo de Loyola Filho e colaboradores (2002) constatou-se que as principais doenças/sintomas que motivaram as pessoas a se automedicarem são a cefaleia e sintomas respiratórios.

Em uma pesquisa realizada por Arrais (1997), os sintomas que mais geram automedicação são: infecção respiratória alta, dores de cabeça e dispepsia/má digestão, dores musculares, cólicas, dismenorreia, quadros viróticos ou infecciosos e diarreias. E pode-se observar sintomas similares em outro estudo realizado por Aquino; Barros; Silva, 2010. Sendo assim é possível verificar que os medicamentos mais consumidos são utilizados para combater essas doenças.

No estudo realizado por Ribeiro e colaboradores (2010) identificou-se que os principais sintomas e/ou sinais clínicos indicados pelos estudantes como sendo aqueles que levaram à prática da automedicação, destacam-se: dor de cabeça (75,9%), gripe/resfriado (50,2%), dor de garganta (40,5%) e febre (35%). Do total de alunos que se automedicam, 66,4% certificaram que a experiência de já ter usado algum medicamento que curou uma doença ou enfermidade predomina como um dos motivos que normalmente os levam à prática da.

No estudo realizado por Colares e colaboradores (2019) apurou-se que as queixas que mais motivaram a automedicação foram as dores de cabeça (75; 53,57%), as alergias (26; 18,57%), as infecções de garganta (24; 17,14%) e os resfriados/gripes (nove; 6,43%).

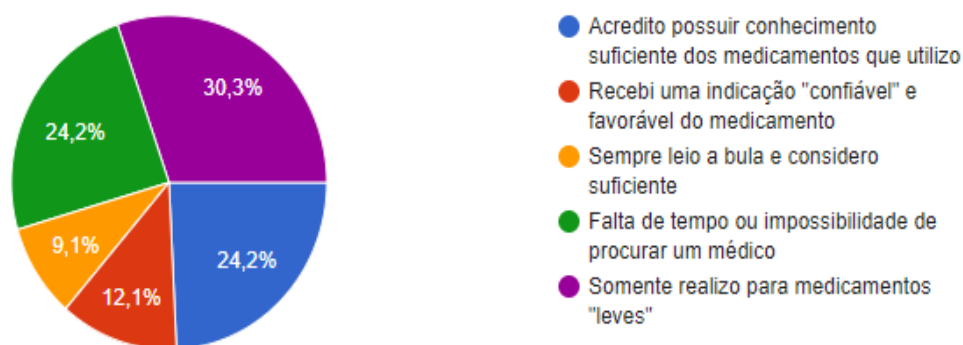
No estudo realizado em Trindade, quando perguntados sobre as orientações da bula contida junto ao medicamento, 66,7% indicaram que seguem essas

orientações, 30,3% que não seguem e 3% declaram que talvez sigam a bula. Este dado cai em contradição (de forma positiva) com o estudo de Pinto e colaboradores (2008) onde foi questionado se seguiram as instruções da bula, a maioria (79; 56,43%) respondeu não a seguir.

O uso das recomendações da bula praticado no presente estudo se torna uma descoberta interessante e que pode ser avaliada como positiva, uma vez que a leitura da bula pode orientar as pessoas com relação ao uso correto do medicamento e talvez até mesmo fazer com que elas desistam de praticar a automedicação.

Quando perguntados sobre os motivos que os levam a se automedicação, as respostas ficaram balanceadas, uma parcela que declarou se automedicação somente para medicamentos leves, em seguida empatados estão as pessoas que acreditam possuir conhecimento suficiente dos medicamentos que utilizam e aqueles que realizam a automedicação motivos pela falta de tempo ou impossibilidade de procurar um médico, assim como demonstra o Figura 12 abaixo.

Figura 12 – Motivos que levam a automedicação



Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

Com relação a frequência com que ocorre a automedicação, 63,6% dos acadêmicos relataram que recorrem a este tratamento apenas em último caso, 30,3% sempre que possuem dor ou sintomas, e apenas 6,1% quando não conseguem consultar com um especialista. A partir das respostas obtidas é possível identificar que a maioria dos alunos tentam buscar outras opções que não sejam a automedicação, e apenas como último caso que praticam a automedicação.

Finalizando o questionário 81,8% dos alunos relataram que ao final do tratamento realizado com a automedicação, eles ficaram satisfeitos com o resultado obtido, e consideraram o tratamento eficiente. Por fim 66,7% declararam que recomendam o uso de anti-inflamatório para pessoas próximas, como familiares e parentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A automedicação ainda é uma prática muito comum entre acadêmicos de ensino superior, especialmente da área da saúde. Diversos fatores influenciam nessa prática, como o excesso de confiança, facilidade de acesso a medicamentos, o nível de conhecimento da pessoa, sua condição financeira, a influência de outras pessoas, como amigos e familiares, a pressa de querer o alívio rápido, propagandas nos meios de comunicação, facilidade de acesso nas farmácias e drogarias, além de em alguns casos a precariedade dos serviços de saúde influenciam significativamente na hora de adotar a automedicação.

Ao analisar os dados obtidos nessa pesquisa foi possível perceber que o perfil dos praticantes da automedicação é bastante semelhante ao de outros estudos já realizados em todo o país: mulheres, faixa etária de 18 a 27 anos, alunos de Farmácia, Odontologia e Fisioterapia. Os medicamentos mais utilizados são: Nimesulida, Ibuprofeno e Diclofenaco.

Os sintomas mais apontados como as causas que levam a automedicação foram: dor de cabeça, infecção de garganta, dores musculares e resfriados. Apesar de muitos entrevistados relatarem conhecer os efeitos colaterais possíveis dessa prática e afirmarem que só recorrem a mesma em último caso, a automedicação é considerada um problema em todos os lugares, para o qual necessário alertar a população sobre os riscos que a mesma oferece, conscientizando-a quanto ao perigo desta prática. No caso dos universitários, principalmente aqueles que cursaram a disciplina de Farmacologia, já conhecem os efeitos colaterais e mesmo assim insistem nessa prática.

As instituições desempenham a função de formar profissionais que irão orientar seus pacientes quanto ao uso correto dos medicamentos. É preciso que

seja inserido na grade curricular disciplinar sobre medidas educativas e conscientizadoras quanto ao uso correto de medicamentos.

O profissional farmacêutico é o profissional de saúde mais capacitado para tirar dúvidas, orientar e esclarecer sobre os riscos e problemas da automedicação por possuir uma bagagem de conhecimentos voltada especificamente para medicação, oferecendo uma assistência farmacêutica de qualidade. O farmacêutico também deve se encarregar de realizar uma fiscalização mais rigorosa na venda de medicamentos dentro do seu local de trabalho.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AI HUSSAINI M, MUSTAFA S, ALI S. **Self-medication among undergraduate medical students in Kuwait with reference to the role of the pharmacist.** Journal of Research in Pharmacy Practice. 2014.

AQUINO, Daniela Silva de. **Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade?** Ciênc. Saúde coletiva, Rio de Janeiro, 2007, vol.13.

AQUINO, D. S.; BARROS, J. A. C.; SILVA, M. D. P. **A automedicação e os acadêmicos da área da saúde.** Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.15, n. 5, p. 2533- 2538, ago.2010.

ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado; BARRETO, Maurício Lima; COELHO, Helena Lutécia Luna. **Aspectos dos processos de prescrição e dispensação de medicamentos na percepção do paciente: estudo de base populacional em Fortaleza, Ceará, Brasil.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2005, vol.23, n.4.

BARROS, Aline Reis Rocha; GRIEP, Rosane Harter; Rotenber, Lúcia
Automedicação entre os trabalhadores de enfermagem de hospitais públicos.

Rev. Latino-Am. Enf. 2009, vol.17, n.6, p.1015-1022.

BECKHAUSER, Gabriela Colonetti; SOUZA, Juliana Medeiros de; VALGAS
 Cleidson, PIOVEZAN; Anna Paula; GALATO, Dayani. **Utilização de medicamentos
 na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis.**

Rev. Paulista Pediatr., Tubarão/SC, 2010. Vol.28 n.3, p.262-268.

BORTOLON, P.C., KARNIKOWSKI, M. G. O., ASSIS, M. **Automedicação versus
 indicação farmacêutica: o profissional de farmácia na atenção primária à saúde
 do idoso.** Revista APS, v.10, n.2, p. 200-209, 2007.

CANO; Fabíola Giordani, Rozenfel, Suely. **Adverse drug events in hospitals: a
 systematic review.** Cad Saúde Pública 2009; vol.25, n.3.

COLARES KTP, BARBOSA FCR, MARINHO BM, SILVA RAR. **Prevalência e
 fatores associados à automedicação em acadêmicos de enfermagem.** Rev
 enferm UFPE on line. 2019;13:e239756

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. **Quase metade dos brasileiros que
 usaram medicamentos nos últimos seis meses se automedicou até uma vez
 por mês,** 2019. Disponível em: < <http://www.cff.org.br/noticia.php?id=5267> > .
 Acesso em 19 mai. 2020.

FONSECA, José Júlio de Andrade, FRADE, Josélia. **Automedicação, velho hábito brasileiro**, 2005. Disponível em: < <http://www6.ensp.fiocruz.br/visa/?q=node/5499> > . Acesso em: 20 mai. 2020.

GAMA, Abel S. M., SECOLI, Sílvia R. **Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil**. Revista Gaúcha de Enfermagem. 2017.

GARCEZ, E.A.M., SOUZA, K.S., BRITO, A.F. **Classes terapêuticas mais consumidas no município de Ceres – GO no ano de 2012**. Faculdade de Ceres, Goiás, 2012.

GOMES, A.C.M. **Automedicação: um importante problema de saúde pública**. São Paulo, 2012.

LOYOLA FILHO, A.I. et al. **Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí**. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 36, n. 1, p.55-62, 2002.

LUKOVIC JA, MILETIC V, PEKMEZOVIC T, TRAJKOVIC G, RATKOVIC N, ALEKSIC D, ALEKSIC, DANIJELA. **Self Medication practices and risk factors for self-medication among medical students in Belgrade, Serbia**. PLoS One. 2014.

MARIM, Elisamar et. al. **Avaliação da automedicação com anti-inflamatórios não esteroides em farmácias comerciais de Santa Maria – RS**. Ciências da Saúde, Santa Maria, 2005, vol.6, n.1, p.1-11.

MOTA, Daniel Marques; VIGO, Álvaro; KUCHENBECKER, Ricardo de Souza. **Reações adversas a medicamentos no sistema de farmacovigilância do Brasil, 2008 a 2013: estudo descritivo**. Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro, 2019, vol.35, n.8.

NASCIMENTO, Álvaro César. **Propaganda de medicamentos para grande público: parâmetros conceituais de uma prática produtora de risco**. Ciênc. Saúde coletiva. Rio de Janeiro, 2010, vol.15, n.3 p.3423-3431.

NASCIMENTO, Lais Cardoso do. **Custos decorrentes de eventos adversos a medicamento em pacientes hospitalizados**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, 2018. Disponível em: < <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/8458/5/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Lais%20Cardoso%20do%20Nascimento%20-%202018.pdf> > . Acesso em 22 mai. 2020.

PEREIRA, L.R.L., FREITAS, O. **A evolução da atenção farmacêutica e a perspectiva para o Brasil**. Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas. Vol. 44, n. 4, out./dez., 2008.

PINTO, L.H. et al. **O uso racional de medicamentos no Brasil dentro da Assistência Farmacêutica e suas implicações no presente.** Revista Eletrônica de Farmácia. Vol. 12, 2015.

PINTO, F. C. et al. **Automedicação praticada por acadêmicos do curso de graduação em enfermagem.** 2008. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Enfermagem) – Universidade Presidente Antônio Carlos, Bom Despacho, 2008.

RIBEIRO, M. I. et al. **Prevalência da automedicação na população estudantil do Instituto Politécnico de Bragança.** Revista Portuguesa de Saúde Pública, Lisboa, v.28, n.1, p.41-48, jan./jun. 2010.

SILVA, Marcos Gontijo de, LOURENÇO, Érica Eugênio. **Uso indiscriminado de anti-inflamatórios em Goiânia-GO e Bela Vista - GO.** Rev. Científica do ITAC, Araguaína, 2014, vol.7, n.4.

SILVA, L. S. F. et al. **Automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade privada do Sul do estado de Minas Gerais.** Odontologia Clínico-Científica (Online), Recife, v. 10, n. 1, jan./mar. 2011.

SOUSA, Livia Alves Oliveira, ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado de et al. **Prevalência e características dos eventos adversos a medicamentos no Brasil.** Cad. Saúde Pública, Fortaleza, CE 2018, vol.34, n.4.

SOUZA, H. W. O. SILVA, J.L., NETO, M.S. **A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO NO COMBATE À AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL.** Revista Eletrônica de Farmácia Vol 5, 67-72, 2008.

VALENTE, R.; GRAZIELA, L. **Percepção dos estudantes do primeiro e oitavo semestres do curso de graduação em farmácia sobre o uso racional de medicamentos.** Cenarium Pharmacêutico, Brasília, ano 3, n. 3, maio/nov. 2009.

VARALLO, Fabiana Rossi. **Internações hospitalares por Reações Adversas a Medicamentos (RAM) em um hospital de ensino.** Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquaras - SP, 2018.
Disponível em:<
https://www2.fcfar.unesp.br/Home/Pos-graduacao/CienciasFarmaceuticas/fabiana_rossi_varallo_ME.pdf > . Acesso em 23 mai. 2020.

VILARINO, J.F. et al. **Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil.** Revista Saúde Pública, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 43-49, fev. 1998.

APÊNDICE 1

Este questionário é parte integrada de um estudo sobre automedicação com anti-inflamatório. Esta pesquisa está sendo desenvolvida por alunos do 9º período de Farmácia da Faculdade União de Goyazes. O questionário foi elaborado e adaptado com base no artigo Prevalência de automedicação entre estudantes de Universidade Católica de Brasília, na faixa de 18 a 24 anos, publicado pela universidade Católica de Brasília no ano de 2010. Deste modo, se estiver de acordo com os termos desta pesquisa, solicitamos que responda ao questionário abaixo. Agradecemos sua colaboração.

Identificação

Idade: () Inferior a 18 anos () Entre 18 e 24 anos () Acima de 24 anos

Sexo: () Feminino () Masculino

Estado civil: () Solteiro () Casado () Viúvo () outros

Curso: _____

Ano: _____

Questionário

1. Você cursou a matéria de farmacologia?
() Sim () Não () Está cursando
2. Você já se automedicou com anti-inflamatório?
() Sim () Não
3. Quando você se auto medicou?
() Somente antes de cursar farmacologia
() Antes e depois de cursar farmacológica
() Somente após cursar farmacológica

☐ NA

4. Qual a duração do tratamento?

☐ 1 a 2 dias ☐ 3 a 4 dias ☐ 5 dias ou mais. ☐ NA

5. Tem conhecimento dos efeitos colaterais dos anti-inflamatórios com quais se automedicou poderem causar?

☐ Sim ☐ Não

6. Já se aconselhou com o farmacêutico ou balconista para comprar medicação?

☐ Sim ☐ Não

7. A automedicação foi influenciada por:

☐ Familiar ou Amigos

☐ Profissionais de saúde (não médico) ☐ Publicidade (TV, revistas, Internet)

☐ Tinha em casa sem prescrição médica.

☐ Outros. Quais? _____

8. Houve algum efeito colateral/ problema relacionado com a medicação com que se automedicou?

☐ Sim ☐ Não

Sim, cite: _____

9. Já se baseou em receitas médicas antigas?

☐ Sim ☐ Não

10. Em caso afirmativo, essas receitas antigas eram:

☐ suas ☐ outras pessoas

11. O medicamento comprado/usado necessitava de apresentação obrigatória de receita médica?

☐ Sim ☐ Não

12. Com qual anti-inflamatório você já se automedicou?

☐ Diclofenaco

- ☐ Ibuprofeno
- ☐ Nimesulida
- ☐ Toragesic
- ☐ Aspirina
- ☐ Tenoxicam
- ☐ Prednisona

13. Quais motivos/doenças abaixo relacionados você acreditava possuir?

- ☐ Dor de cabeça
- ☐ Febre
- ☐ Resfriado/ gripe
- ☐ Infecções/ inflamações de garganta
- ☐ Sinusite
- ☐ Rinite
- ☐ Dor no corpo
- ☐ Outras Quais: _____

14. Ao automedicação-se ou a terceiros, segue as instruções da bula?

- ☐ Sim ☐ Não

15. Por que realiza automedicação?

- ☐ Acredito possuir conhecimento suficiente dos medicamentos que utilizo
- ☐ Recebi uma indicação “confiável” e favorável do medicamento
- ☐ Sempre leio a bula e considero suficiente
- ☐ Falta de tempo ou impossibilidade de procurar um médico
- ☐ Somente realizo para medicamentos “leves”

16. Qual a frequência da automedicação?

- ☐ Sempre que tenho dor
- ☐ Sempre que não consigo consultar um especialista
- ☐ Apenas em último caso

17. Ao final da automedicação você:

- ☐ Considera o “tratamento” como eficiente.

- () Sempre procuro atendimento especializado.
() Considera o “tratamento” como ineficiente.

18. Você recomenda anti-inflamatórios aos familiares, amigos e conhecidos?

- () Sim () Não

APÊNDICE 2

TERMO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Esse documento será impresso no verso e anverso da folha de tal forma que a assinatura do participante não se desvincule do documento TCLE)

Você/Sr./Sra. está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada “A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO COM ANTI-INFLAMATÓRIO ENTRE ACADÊMICOS DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO”. Meu nome é Wesley José Moreira Garcia, docente na Faculdade União de Goyazes, Farmacêutico-bioquímico portador do CRF-GO 10.982 e sou o pesquisador responsável por esse estudo. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, rubrique todas as páginas e assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao (à) pesquisador (a) responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail: wm.garcia@hotmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do seguinte contato telefônico: (64) 981463773. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Faculdade União de Goyazes (CEP-FUG), localizado na Faculdade União de Goyazes, GO 060, Km 19, Trindade/GO, CEP: 75380-000, telefone: (62) 3506-9300, funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h, de segunda a sexta-feira O Comitê de Ética em Pesquisa é vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinado ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa com seres humanos, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e

complementares.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO COM ANTI-INFLAMATÓRIO ENTRE ACADÊMICOS DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO

Pesquisador Responsável: Prof. Wesley José Moreira Garcia

Telefone para contato (inclusive ligações a cobrar): (64) 981463773

Pesquisadores participantes: Mayara Lorrany Ribeiro Bueno/ Vitória Fernandes Martins

Telefones para contato: (64) 993082643 / (64) 993016610 / (64) 993435450

O Objetivo é avaliar a prática da automedicação com anti-inflamatório entre acadêmicos de uma instituição de ensino superior no centro-oeste Brasileiro. Este estudo trata se de uma pesquisa descritiva do tipo corte transversal, com caráter exploratório. Participarão do estudo acadêmicos dos cursos de Farmácia, Fisioterapia e Odontologia, dos 7º e 8º período matutino, vespertino e noturno devidamente matriculados. Foram escolhidos estes alunos pelo fato de já cursarem períodos mais avançados e possuírem conhecimento de farmacologia relacionada ao uso de anti-inflamatórios. Serão excluídos da pesquisa alunos que reprovaram ou ainda não cursaram a disciplina de farmacologia, estudantes menores de 18 anos ou que não aceitam participar mediante leitura e assinatura do TCLE. O questionário envolverá o uso de anti-inflamatórios nos últimos 12 meses que antecederá a coleta de dados e será considerado como automedicação todos os medicamentos auto indicados, indicados por parentes, amigos, balconistas ou pessoas não formalmente habilitadas para prescrever. O TCLE foi redigido conforme a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Será garantido aos participantes o anonimato e a liberdade para retirar o consentimento, caso não desejem mais participar do estudo. Na presente pesquisa os participantes terão risco de se sentirem constrangidos ao responderem o questionário, mesmo não sendo esse o intuito do estudo. Caso necessário, será garantido indenização diante de eventuais danos decorrentes da

pesquisa. Além disso, serão garantidos o ressarcimento das despesas caso tidas pelos participantes da pesquisa e/ou dela decorrentes. O estudo terá como benefício, para ambas as partes, o conhecimento da importância de não realizar a automedicação por anti-inflamatório. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der.

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

(Esse documento será impresso no verso e anverso da folha de tal forma que a assinatura do participante não se desvincule do documento TCLE)

Eu, pesquisador responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder.

Consentimento do Participante de Pesquisa/Responsável legal

Eu,, abaixo assinado, discuti com o pesquisador Prof. Wesley José Moreira Garcia sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício.

Trindade, de de

Assinatura do (a) participante de pesquisa/Responsável legal

Data: ____/____/____

Assinatura do (a) pesquisador (a) responsável

Data: ____/____/____

TERMO DE ANUÊNCIA PARA PESQUISA

Instituição Coparticipante: Faculdade União de Goyazes

Declaro para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado “A pratica da automedicação com anti-inflamatório entre acadêmicos de uma instituição de ensino superior no centro – oeste Brasileiro, sob responsabilidade do Prof. Wesley José Moreira Garcia e das alunas Mayara Lorrany Ribeiro Bueno Reis e Vitória Fernandes Martins, com o objetivo de analisar a prática de automedicação por anti-inflamatórios entre os acadêmicos dos cursos de Farmácia, Fisioterapia e Odontologia da Faculdade União de Goyazes.

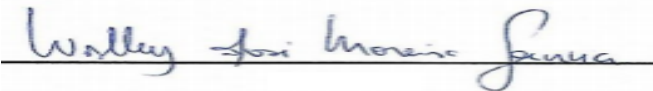
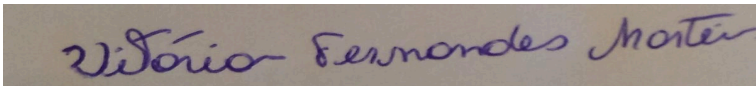
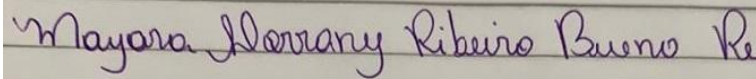
Assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada nesta instituição. Declaramos conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução 466/2012 do CNS. Informamos que para ter acesso a instituição e iniciar a coleta dos dados, fica condicionada a apresentação da Certidão de Aprovação por Comitê de Ética em Pesquisa e o Parecer Consubstanciado, devidamente credenciado junto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Atenciosamente

TERMO DE COMPROMISSO

Declaro que cumprirei os requisitos da *Resolução CNS n.º 466/12* e/ou da *Resolução CNS n.º 510/16*, bem como suas complementares, como pesquisador (a) responsável e/ou pesquisador participante do projeto intitulado “A prática da automedicação com anti-inflamatório entre acadêmicos de uma instituição de ensino superior no centro-oeste Brasileiro”. Comprometo-me a utilizar os materiais e os dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo da pesquisa acima referido e, ainda, a publicar os resultados, sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto, considerando a relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração de todos os interesses envolvidos.

Data: 01/06/2020

Nome do(a) Pesquisador(a)	Assinatura Manuscrita ou Digital
1. Wesley José Moreira Garcia	
2. Vitória Fernandes Martins	
3. Mayara Lorrany Ribeiro Bueno Reis	

TERMO DE ANUÊNCIA PARA PESQUISA

Instituição Coparticipante: Faculdade União de Goyazes

Eu, Laís de Brito Rodrigues, coordenadora do curso de Farmácia, declaro para os devidos fins que estou de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado "A prática da automedicação com anti-inflamatório entre acadêmicos de uma instituição de ensino superior no centro – oeste Brasileiro, sob responsabilidade do Prof. Wesley José Moreira Garcia e das alunas Mayara Lorrany Ribeiro Bueno Reis e Vitória Fernandes Martins, com o objetivo de analisar a prática de automedicação por anti-inflamatórios entre os acadêmicos dos cursos de Farmácia, Fisioterapia e Odontologia da Faculdade União de Goyazes.

Assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada nesta instituição. Declaramos conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução 466/2012 do CNS. Informamos que para ter acesso a instituição e iniciar a coleta dos dados, fica condicionada a apresentação da Certidão de Aprovação por Comitê de Ética em Pesquisa e o Parecer Consubstanciado, devidamente credenciado junto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Atenciosamente,



Profa. Me. Laís de Brito Rodrigues
Coordenação do curso de Farmácia
Faculdade União de Goyazes

TERMO DE ANUÊNCIA PARA PESQUISA

Instituição Coparticipante: Faculdade União de Goyazes

Eu, Danilo Augusto dos Santos, coordenador do curso de Fisioterapia, declaro para os devidos fins que estou de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado "A pratica da automedicação com anti-inflamatório entre acadêmicos de uma instituição de ensino superior no centro – oeste Brasileiro, sob responsabilidade do Prof. Wesley José Moreira Garcia e das alunas Mayara Lorrany Ribeiro Bueno Reis e Vitória Fernandes Martins, com o objetivo de analisar a prática de automedicação por anti-inflamatórios entre os acadêmicos dos cursos de Farmácia, Fisioterapia e Odontologia da Faculdade União de Goyazes.

Assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada nesta instituição. Declaramos conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução 466/2012 do CNS. Informamos que para ter acesso a instituição e iniciar a coleta dos dados, fica condicionada a apresentação da Certidão de Aprovação por Comitê de Ética em Pesquisa e o Parecer Consubstanciado, devidamente credenciado junto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Atenciosamente,

29/06/2020

Danilo Augusto dos Santos
Coordenador do Curso de Fisioterapia
Faculdade União de Goyazes

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO COM ANTI-INFLAMATÓRIO ENTRE ACADÊMICOS DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO

Pesquisador: Wesley Jose Moreira Garcia

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 35243720.7.0000.9067

Instituição Proponente: Centro de Estudos Octávio Dias de Oliveira

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.207.268

Apresentação do Projeto:

O uso indevido de medicamentos pela população é muito recorrente no Brasil e pode causar vários problemas à saúde de quem utiliza medicamentos sem a devida orientação de um profissional da área da saúde.

A prática de automedicação envolve vários tipos de medicamentos dentre eles os anti-inflamatórios, vendidos em sua maioria sem prescrição médica, permitindo que a prática da automedicação se intensifique não apenas no Brasil, mas em vários outros países (MARIM, 2005).

Diante disso, o estudo se justifica pelo interesse em conhecer a frequência do uso de anti-inflamatório entre acadêmicos dos cursos de saúde de uma instituição de ensino superior do Centro-Oeste.

Participarão do estudo acadêmicos dos cursos de Farmácia, Fisioterapia e Odontologia, dos 7º e 8º período matutino, vespertino e noturno devidamente matriculados. Foram escolhidos estes alunos pelo fato de já cursarem períodos mais avançados e possuem conhecimento de farmacologia relacionada ao uso de anti-inflamatórios. O questionário envolverá o uso de anti-inflamatórios nos últimos 12 meses que antecederá a coleta de dados e será considerado como automedicação todos os medicamentos auto indicados, indicados por parentes, amigos, balconistas ou pessoas não formalmente habilitadas para prescrever.

Endereço: Rodovia GO 060, Km 19, nº 3184

Bairro: Setor Laguna Parque

CEP: 75.393-383

UF: GO

Município: TRINDADE

Telefone: (62)3508-9300

E-mail: cep@fug.edu.br

Continuação do Parecer: 4.267.268

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral: Analisar a prática de automedicação com anti-inflamatórios entre acadêmicos dos cursos de Farmácia, Fisioterapia e Odontologia da Faculdade União de Goyazes.

Objetivos específicos:

Analisar os anti-inflamatórios mais consumidos sem prescrição médica pela população pesquisada;

Descrever automedicação por anti-inflamatórios e suas consequências para a saúde;

Caracterizar motivação e situações do uso incorreto de anti-inflamatórios;

Resaltar a importância do farmacêutico na orientação das pessoas quanto aos riscos da automedicação por anti-inflamatório.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Na presente pesquisa os participantes terão risco de se sentirem constrangidos ao responderem o questionário, mesmo não sendo esse o intuito do estudo.

O estudo terá como benefício, para ambas as partes, o conhecimento da importância de não realizar a automedicação por anti-inflamatório.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O presente projeto pretende avaliar a prática da automedicação com anti-inflamatório entre acadêmicos de uma instituição de ensino superior no centro-oeste Brasileiro, que é um tema bastante relevante visto o alto índice de automedicação no Brasil.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória estão completos e devidamente anexados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências relatadas no último parecer: adequação do TCLE com a inclusão dos riscos apresentados aos participantes da pesquisa e a Correção do tipo de estudo relatado (foi decidido a remoção do termo qualitativo da metodologia, deixando apenas o termo quantitativo) foram realizadas corretamente, portanto o projeto se encontra APROVADO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-FUG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável

Endereço: Rodovia GO 060, Km 18, nº 3184

Bairro: Setor Laguna Parque

UF: GO

Município: TRINDADE

Telefone: (62)3506-6300

CEP: 75.363-363

E-mail: cep@fug.edu.br

Continuação do Parecer: 4.2017.266

deverá encaminhar ao CEP-FUG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1590101.pdf	06/08/2020 23:15:43		Aceito
Outros	Carta_de_encaminhamento_de_pendencias.pdf	06/08/2020 21:07:23	VITORIA FERNANDES MARTINS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ATUAL_06.pdf	06/08/2020 21:06:52	VITORIA FERNANDES MARTINS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Pre_Projeto_Automedicacao_antinflamatorio.pdf	06/08/2020 21:06:24	VITORIA FERNANDES MARTINS	Aceito
Outros	Termo_Anuencia_Odontologia.pdf	06/07/2020 20:19:44	VITORIA FERNANDES MARTINS	Aceito
Outros	Termo_Anuencia_Fisioterapia.pdf	06/07/2020 20:19:24	VITORIA FERNANDES MARTINS	Aceito
Outros	Termo_Anuencia_Farmacia.pdf	06/07/2020 20:18:58	VITORIA FERNANDES MARTINS	Aceito
Outros	Termo_de_compromisso.pdf	06/07/2020 20:16:49	VITORIA FERNANDES MARTINS	Aceito
Outros	questionario.pdf	06/07/2020 20:05:49	VITORIA FERNANDES MARTINS	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	06/07/2020 20:05:36	VITORIA FERNANDES MARTINS	Aceito
Orçamento	Orçamento.pdf	06/07/2020 20:05:12	VITORIA FERNANDES MARTINS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	06/07/2020 20:03:49	VITORIA FERNANDES MARTINS	Aceito

Endereço: Rodovia GO 060, Km 19, nº 3184

Bairro: Setor Laguna Parque

CEP: 75.393-363

UF: GO

Município: TRINDADE

Telefone: (62)3536-9300

E-mail: cep@fug.edu.br

**FACULDADE UNIÃO DE
GOYAZES**



Continuação do Parecer: 4.267.268

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

TRINDADE, 11 de Agosto de 2020

Assinado por:
ALLISSON FILIPE LOPES MARTINS
(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia GO 060, Km 18, nº 3184
Bairro: Setor Laguna Parque
UF: GO **Município:** TRINDADE
Telefone: (62)3506-0300

CEP: 75.360-360

E-mail: cep@fug.edu.br